**UBERIZAÇÃO E PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE FEMININO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**Autor** RSFA

Instituição/E-mail: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal/xxxx@gmail.com

1. **Introdução**

O trabalho é a fonte de explicação que provocou a transformação do primata ao *homo sapiens* (Engels, 2004), em um processo de que participam o homem e natureza (Marx, 2014) e em seu sentido ontológico, o trabalho humano pode ser definido como um elemento fundante da vida humana, constituindo fonte originária de realização do ser social, como criador de valores de uso, em sua dimensão concreta, como atividade vital (Antunes, 2009).

No entanto, a desconstrução da categoria trabalho de forma assexuada apresenta uma profunda complexidade fortemente vinculada à teorização da economia política, oferecendo limitações teóricas profundamente enraizadas na sociologia do trabalho ao apresentar limites para tratar de distintas formas de trabalho não assalariado, devido sua apresentação se estruturar sob um modelo masculino de trabalho universal que não contempla as relações sociais de sexo e gênero (Hirata; Zarafian, 2009), e, por isso, a ampliação e a reconstrução do conceito trabalho passa necessariamente pela negação da prática do trabalho como assexuada (Oliveira et al., 2021)

Assim, propomos analisar a complexidade da presença docente das mulheres na atividade de tutoria à distância nas plataformas educacionais em cursos à distância no Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), dado que na educação a distância e o fenômeno da *uberização* ou plataformização da educação pode ser compreendida a partir de seu crescimento exponencial no último decênio através da utilização de plataformas educacionais que permitem que aprendizagem seja mediada pelos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA’s), proporcionando que várias fontes de informação e conhecimentos sejam criados e socializados através da utilização de conteúdos apresentados nos hipertextos, multimídias e demais recursos e metodologias de ensino interativas e colaborativas (Melo, 2020).

Portanto, constamos o surgimento de um novo proletariado de serviços em expansão na era digital, cujo trabalho realizado em plataformas submete-se a um intenso controle e exploração, sob uma aparente contradição, pois poucas vezes o trabalho esteve sob o controle tão estritamente controlado possibilitado pelo desenvolvimento de tecnologias informacionais-digitais, num contexto de propagação cada mais alastrada de um discurso apologético das benesses do trabalho autônomo, livre e empreendedor, etc. (Antunes; Filgueiras, 2020).

1. **Metodologia**

Os recursos metodológicos empregados na pesquisa utilizaram a coleta de dados através da base de dados obtidos no SisUAB entre os anos de 2006 até 2018, assim como os escassos dados sobre a docência na tutoria, referentes aos anos de 2019 até 2021, e a análise de dados de 2.210 questionários respondidos por tutores e tutoras a distância que estavam em atuação entre junho de 2021 e janeiro de 2022 ou entre aqueles que já haviam atuado em anos anteriores no Sistema Universidade Aberta do Brasil.

A investigação se estruturou a partir da dialética marxista, adotada como possibilidade teórica, como um instrumento lógico de interpretação da realidade, pois ela fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que para Marx a realidade é um processo dinâmico e contraditório, indissociável da *práxis* e esta perspectiva proporciona analisar as relações de classes e as relações de sexo/gênero, tal como empreendido por Cisne (2015), ao tratar as referidas relações como uma unidade dialética que determina o sujeito totalizante: a classe trabalhadora. Além disso, as relações de classes e as relações de sexo/gênero foram tratadas como coextensivas, pois ambas são relações estruturantes e fundamentais da sociedade capitalista (Cisne, 2015).

1. **Resultados**

As profundas e nefastas transformações que afetaram o mundo do trabalho no século XXI culminam com a emergência da *Uberização* do trabalho, que pode ser definida como um processo em que as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas sob a aparência de “prestação de serviços”, escamoteando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho, que foi impulsionado pela expansão informacional-digital e “sob comando dos capitais, em particular o financeiro, vêm impondo sua trípode destrutiva sobre o trabalho” (Antunes, 2020, p. 11), a saber, a terceirização, a informalidade e a flexibilidade.

[...] pejotização, trabalho intermitente, infoproletariado, cibertariado, professor delivery, frilas fixos, precári@s inflexíveis, etc.. [...] E foi assim que o trabalho uberizado adquiriu o mesmo traço pejorativo que a walmartização do trabalho ostentou quando se falava das condições laborais presentes nos hipermercados nos Estados Unidos. [...] Utilizando-se largamente dos algoritmos, da inteligência artificial e de todo arsenal digital, canalizado para fins estritamente lucrativos, tudo isso vem possibilitando a criação de novas modalidades de trabalho que, como já indicamos, passam ao largo das relações contratuais vigentes. Os trabalhadores assalariados transfiguram-se, então, em “prestações de serviços”, o que acaba por resultar na sua exclusão da legislação social protetora do trabalho. [...] intensificando o processo de escravidão digital (Antunes, 2020, pp. 19 e 20).

Quando tratamos de *uberização* ou plataformização do trabalho educacional, mais especificamente sobre os profundos reflexos desses fenômenos para a educação a distância, devemos levar em consideração as transformações pelas quais o setor educacional no Brasil vem passando nos últimos anos, culminou com a inserção de mulheres na docência da tutoria da educação a distância do sistema UAB e que descortinou uma nova faceta da *uberização* concernente a essa modalidade educacional, merecendo uma ênfase para a abordagem sob a perspectiva de gênero.

Constata-se que a empresa *Uber*, para além da economia digital, propagou formas ainda mais flexíveis das observadas durante e após a reestruturação produtiva, propalando e visibilizando o trabalhador sem contrato, a intensificação do trabalho e os ganhos minimizados. A correspondência com o trabalho docente recupera as raízes históricas da fundação das relações precárias com a categoria e revela que tais características não se configuram como de tipo novo entre os que exercem a profissão. Averíguam-se características semelhantes às praticadas pela *Uber* e, portanto, conclui-se que há um processo de *quasi-uberização* concernente ao trabalho docente (Venco, 2019).

Portanto, é nesse sentido que referenciaremos teoricamente nosso objeto de investigação, a saber, a presença majoritária de mulheres no trabalho docente na tutoria a distância no Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), demonstrando o complexo processo da inserção da mulher no mundo do trabalho, que ocorreu indissociavelmente ligado às dimensões de classe, das relações de gênero e, particularmente às inter-relações existentes entre eles (Nogueira, 2004, p. 26).

Nesse lastro, a partir dos dados utilizados da base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o SisUAB, referente aos anos de 2006 até 2021, encontramos mais de 96.639 vinculações de tutores e tutoras a distância, sendo 62.615 correspondem a vinculações femininas e 34.024 vinculações masculinas e a partir do questionário de pesquisa que foi aplicado para profissionais que atuaram na tutoria a distância, alcançamos 2.210 respondentes, cujos resultados da pesquisa demonstraram que a atividade de tutoria possui maior percentual de participação feminina com 67,89% de mulheres e 32,11% de homens respondentes, além de demonstrar que o maior grau de instrução dos tutores e tutoras EaD, que corresponde a 31,99% dos e das respondentes é o nível de especialização *latu sensu*. Em relação ao maior grau de instrução segundo o sexo, a especialização *latu sensu* igualmente aparece em primeiro lugar entre as mulheres correspondendo a 32,82% e entre os homens com 30,32%, já em relação ao tema da renda média mensal dos e das respondentes, para 32,26% a renda média mensal corresponde aos valores entre R$ 3.941,00 a R$ 7.880,00, que é uma renda relativamente alta.

Entre os e as respondentes, 36,24% afirmaram que sua atividade profissional principal era ser professor da educação básica na rede pública e 4,62% dos respondentes era ser professor da educação básica na rede privada, totalizando 40,86% dos respondentes, confirmando que parte considerável dos trabalhadores e trabalhadoras da tutoria EaD do sistema UAB é constituída de professores, em especial, de professoras da rede básica, sendo que dentre os 40,86% professores e professoras, 69,88% correspondem ao sexo feminino e 30,12% ao sexo masculino.

Portanto, o trabalho é uma atividade que deve ser concedida de forma inseparável do corpo e da identidade de quem o executa, pois o trabalho tem sexo, onde inclusive a própria distribuição das horas laborais tem especificidades por sexo e gênero, e, por isso, que indivíduos e grupos trazem essas marcas em seus corpos são afetados por desigualdades e discriminações (Dal Rosso, 2017).

1. **Considerações Finais ou Conclusão**

Deste modo, propomos analisar fenômeno da presença feminina no mundo do trabalho a partir do recorte do trabalho docente na tutoria a distância no sistema UAB, nos impondo a exigência de analisar a própria categoria trabalho a partir das alterações decorrentes da introdução da categoria gênero ou das relações sociais de sexo, a fim de alcançarmos o fenômeno da inserção das mulheres no mundo do trabalho, em especial, em plataformas e aplicativos, atividades laborais realizadas através do uso intensivo a partir do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) (Antunes, 2020), com ênfase para a docência na educação a distância.

Portanto, refutamos a presença da precarização nessa atividade majoritariamente feminina, que pode ser denominado como “professor delivery” (Antunes, 2020, p 21), para se referir ao processo uberização do trabalho docente que foi intensificado na educação a distância durante a pandemia do Covid-19, tanto no ensino privado quanto público, mas as faculdades privadas encontraram na educação a distância uma ótima forma de “reduzir custos e aumentar lucros” (Antunes, 2020, p. 21), que caracteriza muito bem sistema UAB, cuja remuneração paga pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aos tutores e tutoras através de um pagamento mensal de uma “bolsa” mensal de R$ 1.100,00, sem fazer nenhum jus a qualquer outro direito trabalhista, afeta majoritariamente as mulheres, e, em especial as professoras da rede básica de ensino.

1. **Referências**

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_\_\_. (org**.). Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_\_\_. FILGUEIRAS, Vitor. **Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo.** Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.

CISNE. Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2015.

DAL ROSSO, Sadi. **O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor.** São Paulo: Boitempo, 2017.

ENGELS, Friedrich. (1876). **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zelt. Marxists Internet Archive, 2004.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, P. **Trabalho (o conceito de).** In: Hirata H, Laborie F, Doaré H, et al., organizadoras. Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp; p. 251-255, 2009.

MARX, Karl. **Capital: crítica da economia política.** O processo de produção do capital. Livro 1, Vol. 1, 32° Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MELO, L. V. S. **Formação de Tutores para a Educação a Distância na UAB/UNB.** Rotas de Inovação Universitária. 1ª Edição, Universidade de Brasília, 2020.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A Feminização no Mundo do Trabalho**. Autores Associados, Campinas – SP, 2004.

OLIVEIRA, Simone Santos et al. **Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata**. Saúde em Debate, v. 45, pp. 137-153, 2021.

VENCO, Selma**. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil?** Cadernos de Saúde Pública, v. 35, 2019.